ANO 12.º — Sabado, 13 de Dezembro de 1919 — Numero 601

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. Nacional R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

NOTA POLITICA

Desvanecidos os boatos sobre alteração da ordem, eis que surgem os de crise ministerial para bréve, dando-se como certa a substituição total do gabinete Sá Cardoso, mas sem que, por enquanto, se indigitem os estadistas que devem suceder aos atuais.

Motivos da crise, esses, são tantos que nem talvez uma pagina de *O Democrata* chegasse para os enumerar. O sr. Sá Cardoso, porém, explica que os seus homens estão cançadissimos, que não pódem mais, que caminham para um esfalfamento se não forem substituidos quanto antes. Ora, sendo assim, esta razão deve sobrelevar a todas as outras que os alvigareiros inventam só para colocar mal quem, com tanto *zêlo* e *interesse*, se ha dedicado á administração do país e nesse caso a crise deve ser fatal. Estalará. Rebentará. Produzir-se-á, mas com uma tal retumbancia que se mal estâmos peor ficaremos, a não ser que no meio desta degringolade toda, se produza o fenomeno de aparecer alguem com miolos, colocando-os ao serviço da nação.

Porque, a verdade é esta: até hoje ainda a Republica não demonstrou, com factos positivos, a sua capacidade administrativa. De aí o sucederem-se os ministerios com curtos intervalos, indo-se da mesma sorte o do sr. Sá Cardoso pelo menos tão ingloriosamente como os seus antecessores.

Pois já era tempo de se entrar em vida nova, pondo-se côbro a tanta crise.

Falta de trocos

Por toda a parte surgem clamores do comercio a proposito da falta de trocos, que cada vez se acentua mais sem que da parte do govêrno sejam tomadas, nesse sentido, as indispensaveis providencias.

Mas como póde o govêrno resolver a questão se o dinheiro graúdo está todo na unha dos *novos ricos*?...

O PAPEL

Cá o temos pelo preço da nova tabela ou seja acrescido de mais 5 cent. em cada quilograma, o que eleva o custo da resma a 7$50 quando antes da guerra se pagava apenas por 1$80 com a circunstancia de ser artigo de melhor qualidade.

Claro que nós não protestâmos. Fazê-lo seria o mesmo que bradar no deserto ou ter a errada compreensão de que com isso se importariam aqueles que pretendem obrigar-nos ao ultimo dos sacrificios.

Mas ainda esse estâmos dispostos a fazer para conservar de pé esta barricada invencivel, espectro permanente dos que, para desgraça do país, aí continuam a abrir-lhe a cova sem respeito algum pelo que devem á moralidade do regimen e aos compromissos de honra tomados, perante a nação, nos saudosos tempos da propaganda.

O essencial é que nos não falte a saude.

Contra os açambarcadores

Como lá fóra são castigados esses bandidos

HELSINGFORS, 1 (*madrugada*)—**Apezar das grandes dificuldades com que se luta em Petrogrado para obter combustivel, os açambarcadores teem pretendido fazer negocios de exportação de lenha. As autoridades bolchevistas publicaram um decreto determinando que fôsse condenado á morte todo o individuo que exportasse ou tentasse exportar lenha ou qualquer outro combustivel.**

STOCKHOLMO, 4 — Segundo o jornal *Tidningem*, **sairá brevemente um decreto que condena á pena de morte todas as pessoas acusadas de especularem com os generos de primeira necessidade e com as madeiras destinadas ao aquecimento.**

PARIS, 6—Em Labusgueres, o negociante Tarbes foi condenado em 5:000 francos de multa por especulação de petroleo e açucar. Tendo apelado da sentença, foi de novo condenado em 3 mezes de prisão e 10:000 francos de multa. Desde o mez de Agosto deste ano foram mandados para juizo, por especulação ilicita, 6:055 individuos.

Mas isto sucéde lá fóra. Cá em Portugal as coisas correm de tal maneira que até dá a impressão dum conubio entre o govêrno e os grandes ladrões.

O Mariano

Após a sua condenação antecipada pela maior exautoração a que temos assistido, sem diminuir, porêm, o *brilho* daquelas a que tem sido submetido o *Bichêsa* e mais membros da quadrilha, condenação a que muito ao de leve aludimos no nosso numero anterior por esperarmos as consequencias da segunda, para as englobarmos então ambas, o Mariano, chegado o momento supremo das decisões, apresentou, quarta feira, no tribunal a sua desistencia, não se realisando, por isso, o segundo julgamento que atingia, agora, o snr. Antonio da Rocha, envolvido tambem na repugnante urdidura que os espiritos maus o levaram a tecer.

Da primeira vez é um tribunal a condena-lo após a prova irrefragavel e indistructivel que as proprias testemunhas do ex-juiz da irmandade do Santissimo ajudaram a fazer. Agora é o proprio Mariano, pelo seu punho, condenando-se a si mesmo, requerendo a desistencia da causa que viria a ser, sem duvida, a corroboração da anterior.

Se não fôsse a decisão do Judas de que resa a lenda, enforcando-se no ramo tortuoso e sêco da figueira, grito de revolta de uma consciencia ainda que criminosa, a figura desse monstro seria para a humanidade muito mais asquerosa, muito mais repugnante. Mariano tem tambem o seu gesto de resgate, dando-se por vencido na presença da verdade nua como uma espada, fulgurante como o sol.

Mas ninguem veja, nem o proprio Mariano, nas nossas palavras, a mais insignificante demonstração de regosijo ou de satisfação por o que se acaba de consumar.

E' certo que da situação creada pelo Mariano, resultou a prova provada de quanto este jornal ha muito vem dizendo, afirmando e demonstrando a seu respeito. Mariano alinha com outras figuras aqui expostas, cheias de pustulas e das chagas que, apenas levados pelo principio da verdade e da justiça, tantas vezes temos posto a nu, fazendo-as sangrar, exibindo-as de envolta com toda a virulencia e todo o pus que nelas abundam.

Dotado duma insignificantissima capacidade intelectual, acrescida de todas as consequencias de uma tal deficiencia, advindo, portanto, tudo quanto desse estado costuma resultar, impando, além disso, da estulta vaidade que lhe anima e mantem sonhos absolutamente impraticaveis e irrealisaveis, o Mariano tem enveredado por caminhos que sómente, após longas e dispendiosas viagens, queremos crêr, os hade reconhecer pelas suas acções, muitas delas servidas por maus pensamentos, terriveis estratagemas, cobardes e repugnantes planos.

Está claro que escrevemos estas palavras despojadas, por absoluto, por completo, da mais insignificante parcela de despeito, de desforra ou de alegria.

Não é por vêr debater-se, sujando-se até á alma, no meio do mais porco lamaçal, a pessoa do Mariano, que assim falâmos. Nós aceitâmos com uma logica consequencia dos factos, ou o tragico empurrão do destino, a situação profundamente lastimavel de Mariano, a quem a já referida incapacidade intelectual até ali levou.

A força do destino!

A ironia dos factos!

Sim. A força do destino, a ironia dos factos, para não reproduzirmos aquela frase por ele escrita num alucinado momento de uma sonhada situação de superioridade, quando arrojava ás faces dos que o conheciam—*Talvez o Santissimo um dia lhes venha a valer!*

E assim foi, Mariano. O proprio Santissimo voltou-te as costas e, valendo aos que te puzeram a nu as hediondas mazelas, forçou-te, pelo seu incomensuravel poder, a que tu mesmo, espontanea e voluntariamente, reconhecesses os teus erros e os teus crimes!

Sic transit gloria mundi!

Não ha duvida, Mariano. *Talvez o Santissimo lhes venha um dia a valer!* E veio, Mariano. Veio a seu tempo, veio no dia proprio e esperado.

De joelhos, Mariano, pedindo perdão dos teus pecados, seguido dum acto de contrição—sincero, limpo, verdadeiro!

Pela nossa parte—*te absolvemos á peccatis tuis*...

NÓS E A CAMARA

Referimos num dos numeros transactos deste jornal que, por deliberação da câmara, iam ser enviados á imprensa local os resumos das actas das suas sessões, muito persuadidos—a nossa ingenuidade!—de que realmente era coisa assente e decidida, mas apezar de todas as semanas inquerirmos se chegou alguma nota, até hoje nada, mesmo nada, sempre nada.

Quer dizer: o chefe de secretaría da câmara não está para se massar e faz ele muito bem. Transformassem-se os aludidos resumos em materia paga, como, por exemplo, os anuncios de que o *Camaleão* faz monopolio, e o caso mudaria de figura. Não os veriamos, tambem, principalmente se da parte da presidencia continuasse a mesma passividade que até aqui. Mas que eles apareceriam em publico isso é que é uma verdade.

De resto, escusa de se cançar a vereação—quem manda é o chefe de secretaria!

E ninguem lhe dá volta.

Brazil

Prevenimos por esta fórma, visto estarmos em maré de economias, os nossos presados assinantes de **S. Paulo, Pará** *e* **Manáus,** *de que enviamos nesta data aos dedicados amigos de* O Democrata, *srs. Manuel Martins Bastos, Manuel Ferreira de Carvalho Afonso e Antonio Dias Pereira, residentes, respectivamente, naqueles estados, os recibos dos seus debitos á administração do jornal, pedindo a todos a finêsa de os satisfazerem assim que para isso recebam qualquer aviso.*

O Democrata, *vivendo quasi que exclusivamente das assinaturas, atravessa hoje a maior crise da sua existencia, apezar de muitas outras ter sofrido por virtude das suas campanhas de moralidade e de prestigio para a Republica.*

Espera, portanto, que os seus amigos, tendo isso em atenção, correspondam ao seu apêlo nesta hora de dificuldades maximas em que navega.

E desde já os protestos do nosso antecipado reconhecimento.

Caixa Económica de Aveiro e o seu futuro

Reuniu no dia 26 do pp., pelas 20 horas, na sua séde, a assembleia geral da Caixa Economica de Aveiro, afim de se discutir uma proposta assinada pelo nosso patricio Antonio Maximo Junior, decorrendo a discussão animada e com certo calôr, o que demonstra que ainda ha aveirenses que se interessam a valer pelo futuro e prosperidade de tão simpatica instituição.

Depois de abertos os trabalhos, presididos pelo snr. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, nosso ilustre conterraneo, e exposto o fim da reunião, fazem uso da palavra diversos accionistas, falando cada um conforme o seu modo de vêr. Uns discutiram e apreciaram as condições deste estabelecimento como se estivesse na época dos primeiros anos da sua fundação e portanto que deveria ser sempre a Caixa Economica, porque, segundo a letra do seu Estatuto, nunca poderia ser outra cousa; outros mais novos, mais arrojados, com pontos de vista mais largos e deslisando na corrente da alta finança, pretendem que este estabelecimento seja transformado numa grande casa bancaria, tirando-lhe o meio acanhado em que tem permanecido quasi que desde a sua fundação, e argumentam que poderá ter um futuro prospero e de muitas vantagens para esta cidade.

E a proposito das ideias desta nova remodelação que pretendem dar-lhe, direi que já não é nova e vou contar aos leitores deste semanario o que se pretendeu fazer, julgo que ha vinte anos pouco mais ou menos. Foi o seguinte: Houve quem pretendesse fazer da Caixa Economica uma casa bancaria, e essa tentativa tão desastrosa, tão cavilosa como foi feita, não seguindo as normas de franquêsa como fez o sr. Antonio Maximo, colocou, de momento, esta benemerita instituição em taes embaraços, que bem podia ser a sua ruina se não piedosa a isso obstasse. E sabem os aveirenses quem evitou esse descalabro? E' preciso que o saibam. Foi um dos seus fundadores, pai do nosso patricio, sr. dr. Jaime de Magalhães Lima, que pôz, de sua casa, á disposição da Caixa, todo o dinheiro que fô se preciso entregar aos depositarios que porventura duvidassem do seu crédito e honradez! Pois queridos amigos, nem um só se importou do sinal de alarme que se pretendeu para uma corrida a este estabelecimento, desde que o citado aveirense deu toda a garantia de segurança aos importantes capitaes ali depositados.

E' a este benemerito cidadão que se deve o gesto, tão nobre e tão digno, que, só por si basta para nobilitar um individuo.

E' preciso, pois, relembrar estes factos para que a gratidão dos aveirenses não fique no escuro.

Eu tenho pela nossa Caixa Economica uma grande simpatia e um respeito de veneração pelos seus fundadores, a quem conheci, exceptuo um, que era açoriano, e se chamava Nicolau Bettencourt. Todos os outros eram puramente aveirenses, cujas figuras de beleza bem caracterisavam a nossa raça, impondo-nos a sua aparencia certa autoridade e respeito.

Eu era creança e lembram-me com tristeza e saudade esses homens que fizeram uma geração tão grande que engrandeceram e deram nome á sua terra natal!

Direi os nomes destes ilustres conterraneos para que fiquem na memoria dos novos. São eles: Manuel José Mendes Leite, Sebastião de Carvalho Lima, Bento M. Xavier de Magalhães, Agostinho Duarte Pinheiro e Silva e José Joaquim de Carvalho Goes, vigario geral da extinta diocese desta cidade.

Estes ilustres personagens, de que todo o aveirense se deve orgulhar, são reliquias dum passado que nós, filhos de Aveiro, jámais devemos esquecer.

Quem os não conheceu, que tenha a curiosidade de indagar e que foram estas figuras de ha 50 anos e lhes sirva ao menos o seu exemplo de incentivo para termos por elas o culto do respeito e de justa admiração.

A Caixa Economica de Aveiro teve a sua época e muitos anos, póde dizer-se, foi o unico estabelecimento de crédito nesta terra, prestando serviços que se lhe não pódem negar, ao comercio, á industria, ao particular, rico ou pobre, e pôz entraves aos crimes de agiotagem e a todos os especuladores que ainda hoje exploram a mizeria publica com emprestimos a 7 % e por aqui acima a chegar aos 30 e 40 p. c.

Não se póde negar, portanto, os beneficios que ela prestou, se bem que dentro de um meio de acção muito restricto, visto que os seus Estatutos lhe não permitiam grande esperança no seu desenvolvimento cambial.

Todavia, progrediu e os seus administradores, desinteressadamente, sem ambições, nem pensando em ordenados, pequenos ou grandes, tinham por esta casa uma dedicação tão extraordinaria, que gratuitamente se prestavam a deixar as suas ocupações particulares para estarem á testa da sua administração.

Outros tempos! Outras abnegações!

Os homens que então assim se portavam, infelizmente vão desaparecendo e rareando e esta *crise* tão nefasta hade forçosamente notar-se. Hoje? A'manhã? Não o sabemos. Mas os homens de abnegação e desinteresse fazem sempre muita, muitissima falta e a Caixa Economica de Aveiro hade forçosamente resentir-se dos seus velhos amigos.

No proximo numero demonstrarei que a proposta do nosso patricio e arrojado aveirense, teve oportunidade e veio, portanto, pôr em fóco o futuro dum estabelecimento que está pedindo nova orientação.

José G. Gamelas

Notas mundanas

Em serviço profissional, esteve na quarta-feira nesta cidade, o nosso velho amigo dr. Alfredo Coelho de Magalhães, advogado nos auditorios do Porto e ilustrado professor do liceu Alexandre Herculano.

== Conta partir no fim do ano para Loanda, acompanhado de sua esposa, o sr. José Moreira Freire.

== Por ter sido transferido para a Escola Alunos Marinheiros do Norte, estabelecida em Leixões, seguiu para aquela localidade, o dedicado republicano Ulisses Pereira.

IMPUDOR

—=(*)=—

Com aquele conhecido deslavamento que em todos os tempos caracterisou a sagrada familia da Vera-Cruz, o orgão da mesma, aludindo ao julgamento de imprensa em que o Mariano, indo para buscar lã ficou tosquiado, escreve a 6 do corrente:

No tribunal judicial desta comarca foi ontem julgado o pleito que o sr. Mariano Ludgero Maria da Silva ali levou por injuria ou difamação de escrita.

Com quanto nobremente se haja afirmado e tenha ficado plenamente demonstrada a isenção do sr. Mariano Ludgero no caso das contas da irmandade a que presidiu com escrupuloso criterio, o juri ilibou de culpa o autor dos escritos, embora reconhecendo o crime de abuso de liberdade de imprensa sem intenção de ofensa.

Que tal? Já viram falsear a verdade com maior impudor, com mais repugnante cinismo?

Positivamente os correligionarios do sr. Barbosa de Magalhães, em Aveiro, acabaram de se definir:

Todos Marianos!

Nem outra conclusão se póde tirar depois da defêsa do homem que, a respeito de honra, não a poderá jámais invocar, pelo menos enquanto existir o Santissimo de Esgueira...

MODERNISTAS

—=(*)=—

Abriu ha dias no salão Passos Manuel a exposição dos *modernistas*.

Por *modernistas* entende-se o grupo de artistas pintores que, pondo de parte os velhos processos de pintura, resolveu entrar desasombradamente por um novo caminho de interpretação artistica, fazendo no meio uma verdadeira revolução.

O modernismo é uma fórma bizarra de interpretação artistica que, só adoptado por um espirito equilibrado, por uma verdadeira alma de artista, póde produzir concepções curiosas e de merito, quadros de incontestavel valor, mas que até agora, salvo alguns casos inclusos na hipotese acima, tem quasi exclusivamente dado logar a disparatadas manifestações que a uns tenho ouvido chamar artisticas e a outros de *loucura artistica*...

Preciso primeiro declarar que não sou um critico de arte, que não venho, pois, aqui como critico fazer a apreciação profissional da exposição dos modernistas, mas simplesmente expender a minha opinião pessoal sobre os trabalhos expostos, opinião baseada na minha educação geral, onde entrou, alem dos conhecimentos geraes que se adquirem na passagem, pelos nossos cursos secundarios e superiores, o apuramento dos meus sentimentos estéticos, do bom gosto, dos principios geraes da arte, que tambem cultivo um pouco.

Em principio não encontro no modernismo merecimentos nem latitude capazes de dar logar ás assombrosas manifestações do talento que encontramos nos grandes mestres das velhas escolas.

Entre um grupo de creaturas onde se discutia modernismo, ouvi mesmo fazer já esta arrojada afirmação: *o modernismo é arte para os sem talento, para os que á força pretendem impôr-se com banalidades.*

De facto, entre os trabalhos propriamente modernistas expostos no salão de Passos Manuel, eu nada encontrei que despertasse a minha admiração. Curiosidades, bizarria, estravagancia de mais ou menos interesse, lá encontrei: uma *cachopa*, de Cunha Barros, tipo de mulher de Aveiro, me pareceu; *Barcos no Douro*, de Eduardo Viana; *Cigana* de Lino, etc.; gostei, sem duvida, mas estes mesmos quadros parece-me que fogem um pouco ao modernismo puro.

Vi uma linda cabeça de Wagner, de Jorge Varéla, linda a valer, pintada a verde!

Por que escolheu o artista a côr verde para colorir a cabeça do grande musico? A que principios, a que regras de arte modernista obedeceu o sr. Varéla para pintar de verde a inconfundivel cabeça do grande Wagner? Foi capricho? Porque não a pintou, então, de pardo ou rôxo? E sendo assim, que especie de arte é essa em que cada um escolhe ao capricho da sua fantasia a côr que hade dar a qualquer assunto?

Pintar uma cabeça humana de verde, a mesma coisa será que pintar malmequeres de vermelho ou azul, ou um cavalo de côr de rosa... Ora, tal arbitrariedade de côres nunca póde ser arte.

O mesmo devo dizer de um quadro do sr. Eduardo Viana, *Praça da Ribeira*, horrorosamente colorido com tintas que no local se não encontram, que o trecho copiado para a téla nos não apresenta, por mais que as procuremos e que representará tudo menos a Ribeira, a não ser pela epigrafe...

Ora apresentar um quadro do natural, de tal fórma mascarado que é dificil conhece-lo, será modernismo, será tudo quanto quizerem, menos arte.

Notei um carvão de Octavio, *Cabeça de musico*, de que gostei imenso: tem expressão, tem sentimento, tem alma.

Na fisionomia esqualida e pensativa do desenho do snr. Octavio, ha alguma coisa que nos fala á alma, que nos prende, que nos comunica o intimo recolhimento do artista, do compositor, que sonha, que sente, que ouve já as notas harmoniosas dum trecho em concepção.

Mas aquilo não é modernismo; aquilo é autentico desenho de figura, onde não ha nem estravagancia de traços, nem caprichos de côr.

Os trabalhos do sr. Carneiro e o do sr. Antonio Lima, entendo que estavam ali deslocados.

O sr. Carneiro julgo-o um caricaturista e não um modernista; gostei de algumas das suas caricaturas. E o snr. Lima, a meu vêr, um aminiturista assombroso, em cujos desenhos nada encontrei dos exageros e extravagancias do modernismo.

Os seus trabalhos são, alguns, dum arrojo de concepção e delicadeza de execução que me deixaram maravilhado. E' um artista do desenho ornamental, impecavel em todos os seus trabalhos.

E entre tudo isto, muitas cabeças identicas ás que aí vemos nos postaes francêses pintados á mão, muitas mulheres esgalgadas, umas decotadas até aos joelhos, outras mostrando as pernas até ao pescoço; *adelaidinhas* em posições inestéticas, forçadas, disparatadas, caras alvares sem expressão, incaracteristicas, onde não encontrei nem arte, nem bom gosto, nem graça, nem espirito, nem nada.

Ora, evidentemente, a arte não se faz de banalidades.

Eis o meu sentir no tocante a modernismo e á exposição no salão de Passos Manuel, cujos expositores só dois conheço ha dias, não mantendo com nenhum relações de amisade.

Porto, novembro de 1919.

Humberto Beça

UM CRIME

—=(*)=—

Nos calabouços do Comissariado de Policia desta cidade, estão presos e incomunicaveis, vindos do logar da Lameira, freguesia do Troviscal, concelho de Oliveira do Bairro, Manuel João Ferreira, 53 anos, casado, proprietario; Manuel Domingues Martins Junior, 26 anos, casado, lavrador; Antonio Domingues, 16 anos, solteiro; João Domingues Martins, 23 anos, solteiro; Alvaro Domingos Martins, 21 anos, solteiro, todos serralheiros e Maria Martins, de 31 anos, casada, sobre quem recáem gráves suspeitas de responsabilidade no crime de assassinio praticado na pessoa de Maria Rosa de Jesus Pinhal, conhecida pela *Maria Cerca*, assim como por ferimentos produzidos na pessoa do avô da assassinada, em virtude de tiroteio feito sobre a residencia deste nas noites de 26 para 27 e de 27 para 28 do mez findo.

Parece que não é estranho ao acontecimento umas partilhas de determinadas propriedades.

A justiça averigua.

NECROLOGIA

Faleceu no domingo passado a sr.ª Julia Candida de Sousa, solteira, de 76 anos, vitimada por uma infecção purulenta.

Era natural de Arouca, e tendo sido por dilatados anos governanta da casa do falecido Sebastião de Carvalho Lima, foi até aos seus ultimos momentos dedicadamente protegida por aquela ilustre familia.

* * *

Na madrugada de segunda-feira sucumbiu tambem a um ataque de difetéria, para o qual foram baldados todos os esforços da sciencia, a menina Maria Luiza, de 3 anos, filhinha estremecida do nosso amigo Francisco Pereira Lopes, gerente dos *Armazens do Chiado* e de sua esposa a sr.ª D. Ana Rosa Pereira Branco.

Avaliando a profunda dôr que alancês os corações dos doridos paes, enviâmos-lhes a expressão do nosso pezar.

* * *

Tambem na quarta-feira, pelas 15 horas, após doloroso e prolongado sofrimento, faleceu, vitimada por uma tuberculose pulmonar, que ha quasi dois anos a torturava horrorosamente, a menina Augusta Freire, de 20 anos, filha do desditoso Julio Freire, egualmente falecido.

Foi mais uma esperança que a morte arrebatou no verdor dos anos, na quadra mais bela da vida, ao desabrochar, por assim dizer, da existencia.

Quantas lagrimas choradas, quantas esperanças derruidas, quantos torturantes desalentos, nós enchugámos, animámos e alimentámos com palavras cheias de ardor e de convicção aparente, visto que, no intimo, não significavam mais do que um dever de humanidade.

Mas chegou o fatidico momento em que o martirio atingiu o maximo e então embaciou-se-lhe a expressão dôce e triste dos seus lindos olhos, paralisaram-se-lhe os labios palidos e descarnados e a desventurada sucumbiu ferida pela aza negra da Morte que ha tanto a espreitava.

Que descance em paz.

* * *

Vitimada por uma lesão cardiaca, faleceu a sr.ª Luiza Pinho das Neves, viuva, 80 anos, mãe do nosso amigo João Pinho das Neves Aleluia, a quem endereçâmos o nosso sentimento.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Osorio.*

ANUNCIOS

Direcção das Obras Publicas do Distrito de Aveiro

4.ª SECÇÃO DE CONSTRUÇÃO

Ramal de ligação do ramal da E. D. n.º 73, de Luso pela estação da Pampilhosa para o Botão, com o novo cemiterio de Luso

CONSTRUÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 3 do proximo mez de Janeiro, pelas 12 horas, na Administração do concelho da Mealhada, e perante a comissão presidida pelo respectivo administrador do concelho, se receberão propostas em carta fechada para a arrematação duma empreitada de execução de terraplanagens, pavimento, obras de arte e obras accessorias, sendo a

Base de licitação. . . . . . 2:030$00
Deposito provsiorio. . . . . 50$75

O processo de arrematação, contendo as condições, encargos, medições e desenhos, está patente na secretaria da 4.ª secção de construção, em Aveiro, todos os dias uteis, das 10 ás 16 horas.

As guias para efectuar o deposito provisorio são passadas na referida secretaria da 4.ª secção, até ás 16 horas do dia 9 do mencionado mez de Janeiro.

A importancia do deposito definitivo é de 5 p. c. do preço da adjudicação.

Aveiro, 10 de Dezembro de 1919.

O conductor chefe da 4.ª secção de construção,

João Maria de Pinho Dias Santiago